



FORÇAS ARMADAS

DISCIPLINA PARA A REVOLUÇÃO



Pelo interesse que se reveste e ainda por ser um ponto de vista não militar transcreve-se este artigo publicado no n.º 4 de "O JORNAL".

Acerca de alguns incidentes ocorridos no passado domingo no RALIS, existem alguns pontos que parecem de extrema importância, justificando uma chamada de reflexão.

Assim, a alguns dos nossos soldados, foram ditas e reditas frases insultosas e postas questões que, para além do conteúdo criminoso que encerram, se enquadram no velho processo de destruir a concepção de disciplina e unidade que as Forças Armadas terão de possuir e evidenciar.

Deste modo, não foi raro os nossos soldados ouvirem os civis que ladeavam o RALIS (antigo RAL 1) dizerem demagogicamente: "Já viste quanto ganha um capitão e quanto ganhas tu?" — isto entre coisas muito piores e mais graves.

Eis aqui bem clarinha uma das várias e consecutivas campanhas perante a qual é forçoso agir e tomar posições.

Claro que atribuir tais atitudes à reacção parece que já vai enfadando as pessoas. Mas, também, dizermos constantemente que são meninos muito revolucionários da extrema esquerda, os que assim procedem, chega a ser um vexame.

Mas, afinal, quem são estes meninos? Que pretendem eles? Qual o destino a dar-lhes? — pergunta o Povo.

Antes de se responder a estas questões é fundamental recordarmo-nos de que um dos problemas que com mais acuidade se vai pondo ao MFA, como condição para que se possa continuar a ser garantia da revolução socialista em Portugal, é, efectivamente, a necessidade de umas Forças Armadas fortes, coesas e disciplinadas.

Aliás, em qualquer parte do mundo se tem a noção concreta e bem clara da importância da disciplina, e muitas vezes se ouve até dizer "que um exército sem disciplina é um bando armado".

Mas se, efectivamente, a disciplina é tão fundamental, não só para o normal funcionamento das Forças Armadas, como para garantir a sua própria existência — como força unitária e organizada — e até a própria revolução socialista — pergunta-se: Mas que é a disciplina?

Para responder àquela questão, parece importante recordar o que antes do 25 de Abril se entendia por disciplina. E se o conceito que hoje gostaríamos de ver adoptado pelas nossas Forças Armadas não for mais do que aquilo que seguidamente possamos vir a referir, uma coisa é certa, desde já — é certamente o inverso do que pensámos ...

Assim, até ao 25 de Abril a disciplina nos nossos quartéis significava, entre outras coisas, uma obediência cega e indiscutível. As coisas faziam-se, não se sabendo bem, ou mesmo nada, porquê.

Era, porque era! Era, porque estava escrito e, em última análise, porque estava escrito no Regulamento! Era a disciplina da falsa ordem, isto é, tudo parecia estar muito certo, quando, simplesmente, podia estar totalmente errada. Era, por fim, a disciplina do medo, da coacção, do servilismo e da ignorância, enraizando-se, por último, na boa-fé dos nossos soldados, que, pela permanente repressão ideológica, e até física, exigia que o chefe fosse visto como uma espécie de César-Deus perante quem todos se deveriam curvar para lhe obedecer como que em adoração cega.

E foi, efectivamente, através deste permanente conceito, injectado em gerações sucessivas, que se architectou todo um Exército, se alicerçou toda uma hierarquia nas Forças Armadas e se fundamentou o próprio regime deposto. Daí que o compromisso solene a Deus, a fidelidade à Pátria e a dedicação à família se assumissem como razões soberanas e históricas de promoção e de crédito.

Com o 25 de Abril as Forças Armadas reencontram a sua dignidade e patriotismo, e é a partir desse instante que a disciplina passa a conceber-se em moldes e que à hierarquia formal se vai sobrepondo rapidamente a hierarquia de competência.

Contudo, algumas confusões, por intermédio daqueles menos esclarecidos, surgiram — e vão surgindo. Daí, o não ser raro confundir-se ainda uma certa descontração com falta de respeito e o à-vontade democrático ser por vezes confundido com falta de zelo ou asseio.

Ora é exactamente neste ponto que jogam as forças que não querem ver o nosso processo desenvolver-se. Sabem que há, ainda, muita boa-fé e muita lealdade nos nossos soldados. Por isso, tudo tentam para os fazer virar uns contra os outros: sargentos contra praças, ou praças contra oficiais.

Para um MFA revolucionário, só servirá uma disciplina revolucionária. Por esta, entende-se tudo o que não seja imposto por pessoas, grupos ou interesses estranhos. É a disciplina que a esmagadora maioria aceita e compreende, porque conhece as causas, o significado e as consequências das ordens dadas.

Eu faço, eu cumpro, eu obedeço, eu exijo, e não traio, porque sei o que estou a fazer e para quem. Assim se forjará a necessária unidade, o inevitável empenhamento, a imprescindível camaradagem.

Camaradagem entre todos, na base do respeito total e recíproco. Agora, mais do que nunca, porque, mesmo agora, quem está em perigo não são só os militares — mas sim toda a Nação. Ao desunirem-se os militares, desune-se o Povo, e desunindo-se este, voltamos ao "antigamente", tão desejado pelas forças reaccionárias.

Em síntese, poderíamos reafirmar: a revolução socialista em Portugal, iniciada pelo MFA no 25 de Abril, exige das Forças Armadas uma disciplina, uma coesão e uma unidade mais forte e maior do que nunca.

Só assim, reforçando-se material e espiritualmente os nossos soldados, de modo a constituir-se uma verdadeira força que garanta a caminhada para o socialismo, terá cada vez mais sentido e será também cada vez mais firme a unidade das Forças Armadas.

Qualquer um de nós, que não reconheça esta necessidade e não lute por ela, está decididamente a favorecer a contra-revolução. E os militares, como as próprias unidades, não poderão viver no mundo abstracto e separado da restante realidade.